

DO VAZIO EXISTENCIAL A EXCLUSÃO SOCIAL: UMA LEITURA DE A PAIXÃO SEGUNDO G.H., DE CLARICE LISPECTOR

Karina Pereira Dantas

Estudante do Curso de Direito; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; karinapdantas27@gmail.com.

Fernanda Soares de Sousa

*Professora Doutora do Curso de Direito; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Fernanda Soares de Sousa
fernanda.soares.sousa.adv@gmail.com.*

RESUMO

A presente pesquisa analisa o romance *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, investigando a relação entre subjetividade, crise existencial e apagamento social na narrativa. A pesquisa objetiva compreender como a invisibilidade da empregada doméstica Janair evidencia desigualdades sociais e relações de poder presentes na obra. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, qualitativa e exploratória, fundamentando-se em autores como Benedito Nunes, Jean-Paul Sartre e Antonio Candido. Os resultados demonstram que o romance ultrapassa a dimensão introspectiva ao denunciar processos de exclusão e invisibilidade social. Conclui-se que os conflitos existenciais da narradora-protagonista G.H. estão diretamente relacionados às estruturas sociais que organizam as relações humanas e produzem silenciamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade; existencialismo; apagamento social.

1 INTRODUÇÃO

A produção literária de Clarice Lispector é considerada uma das mais expressivas representações da literatura intimista brasileira do século XX. Suas obras caracterizam-se pela intensa exploração da subjetividade humana, pela ruptura com os modelos narrativos tradicionais e pela valorização dos conflitos interiores das personagens.

Em vez de privilegiar acontecimentos externos e ações grandiosas, a autora direciona sua escrita para os estados psicológicos, angústias existenciais e reflexões íntimas de suas personagens, utilizando uma linguagem marcada pelo fluxo de consciência e pela fragmentação temporal. Nesse sentido, a narrativa clariceana transforma experiências aparentemente simples e banais do cotidiano em acontecimentos de grande profundidade filosófica e humana.

Entre as diversas obras produzidas pela autora, destaca-se *A paixão segundo G.H.*, publicado originalmente em 1964. O romance apresenta a trajetória da narradora-protagonista G.H., uma artista plástica pertencente à elite social, que passa por uma intensa crise existencial após entrar no quarto da empregada doméstica recém-demitida, Janair. Ao esperar encontrar um ambiente desorganizado e sujo, G.H. surpreende-se com um espaço limpo, silencioso e

marcado apenas por desenhos feitos na parede a carvão. A partir desse momento, a protagonista inicia um doloroso processo de reflexão sobre si mesma, sua identidade e sua própria condição humana.

A obra é amplamente estudada sob a perspectiva existencialista, sobretudo devido à forte presença de questões relacionadas à identidade, ao vazio existencial e à desorganização do eu. Conforme aponta Benedito Nunes, a narrativa clariceana aproxima-se da filosofia existencialista ao transformar a consciência da personagem no principal espaço do conflito narrativo. Dessa forma, a experiência vivida por G.H. ultrapassa o simples acontecimento cotidiano e assume dimensão filosófica, revelando a fragilidade das estruturas que sustentavam sua identidade até então.

No entanto, embora o romance seja frequentemente analisado apenas sob a ótica da subjetividade e da crise existencial da protagonista, a narrativa também apresenta importantes reflexões sociais. A relação estabelecida entre G.H. e Janair evidencia estruturas marcadas pela desigualdade, invisibilidade e apagamento social. Janair, mulher negra e empregada doméstica, permanece quase totalmente silenciada ao longo da narrativa, aparecendo apenas através das lembranças e percepções da patroa. A própria dificuldade de G.H. em conseguir lembrar do rosto da empregada demonstra o processo de invisibilização ao qual a personagem é submetida dentro daquela estrutura social.

Diante disso, surge a seguinte problemática: de que maneira Clarice Lispector articula subjetividade e crítica social em *A paixão segundo G.H.*, especialmente na representação da personagem Janair? Parte-se da hipótese de que o romance não se limita à abordagem existencialista, mas também denuncia formas de apagamento social presentes nas relações entre patroa e empregada doméstica, evidenciando estruturas opressoras naturalizadas na sociedade brasileira.

A relevância desta pesquisa consiste justamente em ampliar as possibilidades de leitura da obra, frequentemente interpretada apenas pelo viés filosófico e introspectivo. Ao direcionar o olhar para a figura de Janair, busca-se evidenciar como Clarice Lispector também problematiza questões sociais relacionadas à desigualdade, à marginalização e à negação da subjetividade de determinados sujeitos sociais.

Assim, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla do romance, demonstrando que os conflitos existenciais da protagonista também são atravessados por relações de poder e exclusão social.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo analisar a configuração da subjetividade e do apagamento social no romance *A paixão segundo G.H.*, investigando como

a narrativa articula elementos existenciais e sociais na construção das personagens. Para isso, utiliza-se como base teórica os estudos sobre romance moderno, subjetividade, existencialismo e literatura e sociedade desenvolvidos por autores como Erich Auerbach, Anatol Rosenfeld, Benedito Nunes, Antonio Candido, Georg Lukács, Theodor Adorno e Walter Benjamin.

2 A CRISE DO EU E A INVISIBILIDADE DO OUTRO EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

O presente referencial teórico discute os aspectos subjetivos, existenciais e sociais presentes em *A paixão segundo G.H.*, analisando como a narrativa de Clarice Lispector articula conflitos interiores, crise de identidade e problemáticas sociais por meio de uma escrita marcada pela introspecção e pelo fluxo de consciência.

2.1 Clarice Lispector e a subjetividade no romance moderno

A literatura de Clarice Lispector é reconhecida pela intensa exploração da subjetividade humana e pela ruptura com os modelos tradicionais de narrativa. Desde suas primeiras obras, a autora construiu uma escrita voltada para os conflitos interiores das personagens, privilegiando suas inquietações existenciais em detrimento da ação externa. No romance *A paixão Segundo G.H.*, essa característica torna-se ainda mais evidente, pois toda a narrativa se desenvolve a partir da experiência íntima da protagonista diante de um acontecimento aparentemente banal.

Segundo Anatol Rosenfeld, “A cronologia, a motivação causal, a continuidade temporal e a própria unidade do indivíduo se desfazem, cedendo lugar à simultaneidade dos acontecimentos psíquicos” (Rosenfeld, 2009, p. 84). Isso implica dizer que o romance moderno rompe com a linearidade narrativa tradicional e passa a valorizar os processos internos da consciência. Para o crítico, as transformações do romance moderno ocorreram justamente porque os escritores passaram a representar a fragmentação da experiência humana e a dissolução das certezas tradicionais.

Essa perspectiva é claramente percebida na obra de Lispector, sobretudo em *A paixão Segundo G.H.*, pois há a fragmentação temporal e psicológica apontada por Rosenfeld (2009), uma vez que os acontecimentos deixam de seguir uma lógica linear para acompanhar os movimentos da consciência da personagem. Em diversos momentos do romance, passado, presente e futuro misturam-se continuamente, fazendo com que o leitor acompanhe não os fatos em si, mas a maneira como eles repercutem no interior de G.H.

Além disso, a observação de Rosenfeld (2009) permite compreender que o romance moderno não pretende mais reproduzir a realidade de forma objetiva e ordenada, mas sim representar a desorganização interior do sujeito moderno. Em Clarice Lispector, isso se intensifica porque a autora transforma a própria linguagem em instrumento de investigação psicológica. Por isso é que a subjetividade aparece na obra como elemento central da narrativa, sendo responsável pela construção da identidade da protagonista.

Logo no início do romance, G.H. demonstra sua dificuldade em compreender a experiência vivida: “Estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda” (Lispector, 2020, p. 9). A partir dessa passagem, percebe-se que a personagem tenta reorganizar sua existência por meio da linguagem, transformando a narrativa em uma espécie de reconstrução do eu. A repetição verbal presente no trecho reforça a sensação de desorientação e angústia existencial vivenciada pela narradora.

Além disso, Benedito Nunes (1995) afirma que a escrita clariceana possui forte aproximação com a filosofia existencialista, especialmente com as ideias de Jean-Paul Sartre. Segundo o autor, a literatura de Lispector transforma a experiência subjetiva em instrumento de investigação filosófica. Em suas palavras: “O romance introspectivo de Clarice Lispector conduz o drama da personagem para o plano da consciência, fazendo da existência o verdadeiro centro do conflito narrativo” (Nunes, 1995, p. 63).

Isso ocorre porque as personagens de Clarice frequentemente enfrentam crises relacionadas ao sentido da existência, à liberdade e à identidade. Em *A paixão segundo G.H.*, a protagonista entra em confronto consigo mesma ao perceber que sua vida estava sustentada por uma falsa sensação de estabilidade.

Ao afirmar que o drama clariceano se desenvolve no plano da consciência, Nunes (1995) evidencia que os conflitos mais importantes da narrativa não são externos, mas internos. Assim, o verdadeiro acontecimento do romance não é apenas o encontro de G.H. com a barata, mas principalmente a desestruturação subjetiva provocada por essa experiência. A personagem passa a perceber que sua identidade era construída sobre valores artificiais e socialmente estabelecidos, entrando em um processo forçado e doloroso de questionamento existencial.

Tal aspecto aproxima a narrativa clariceana da filosofia existencialista, sobretudo porque a protagonista é obrigada a confrontar a ausência de sentidos fixos para a existência. O romance transforma-se, portanto, em uma investigação filosófica sobre o ser humano, a identidade e a condição existencial.

Esse processo torna-se evidente quando G.H. afirma: “Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo” (Lispector, 2020, p. 11). A chamada “montagem humana” representa a estrutura social e psicológica construída pela personagem ao longo de sua vida. Quando essa estrutura se rompe, G.H. passa a experimentar o vazio existencial e a perceber a fragilidade de sua identidade.

Nesse contexto, o fluxo de consciência torna-se fundamental para a construção narrativa. Conforme aponta Auerbach (2009), no romance moderno os acontecimentos externos funcionam apenas como ponto de partida para os movimentos reflexivos das personagens. O autor destaca que: “Os acontecimentos exteriores perderam sua posição dominante; o essencial deslocou-se para aquilo que se passa na consciência das personagens” (Auerbach, 2009, p. 482).

A observação de Auerbach (2009) ajuda a compreender por que acontecimentos aparentemente simples assumem proporções grandiosas no romance clariceano. O foco da narrativa não está no acontecimento em si, mas na repercussão subjetiva que ele provoca. Dessa forma, o quarto da empregada deixa de ser apenas um espaço físico e transforma-se em símbolo da ruptura existencial vivida por G.H. O mesmo ocorre com a barata, que ultrapassa sua condição de inseto para assumir dimensão simbólica ligada à degradação, à matéria viva e à própria condição humana.

Lispector, portanto, desloca o centro da narrativa para o interior da consciência da personagem, fazendo com que o leitor acompanhe os pensamentos, angústias e inquietações de G.H. em vez de acompanhar uma sequência tradicional de ações. A própria linguagem utilizada pela autora demonstra a tentativa de ultrapassar os limites da representação tradicional.

Nesse sentido, em determinado momento da narrativa, G.H. afirma: “Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não” (Lispector, 2020, p. 18). Observa-se a consciência da personagem acerca da insuficiência da linguagem diante da experiência humana. A escrita surge como tentativa de reorganizar aquilo que não pode ser plenamente explicado, reforçando a dimensão introspectiva da obra.

2.2 Existencialismo e crise identitária em *A paixão segundo G.H.*

O existencialismo constitui um dos principais elementos presentes em *A Paixão Segundo G.H.*, especialmente pela forma como a protagonista questiona constantemente sua existência e sua identidade. Segundo Sartre (2014), o ser humano está condenado à liberdade,

sendo responsável por construir sua própria essência através de suas escolhas. Essa liberdade, entretanto, produz angústia, pois não existe um modelo pronto capaz de orientar completamente a vida humana.

Segundo o filósofo, “O homem está condenado a ser livre; condenado porque não se criou a si mesmo, e, no entanto, livre porque, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (Sartre, 2014, p. 33). Essa concepção existencialista aproxima-se diretamente da experiência vivida por G.H., que se vê obrigada a confrontar sua própria liberdade e a ausência de sentidos fixos para a existência.

A angústia da protagonista surge justamente porque ela percebe que sua identidade não possui bases sólidas. Tudo aquilo que sustentava sua vida até então (posição social, hábitos cotidianos, estabilidade financeira e visão de mundo) começa a desmoronar após sua experiência no quarto de Janair. A liberdade, nesse sentido, deixa de ser vista como algo positivo e passa a representar insegurança e desorientação.

O pensamento sartreano contribui para compreender que o sofrimento de G.H. decorre da tomada de consciência acerca de sua própria existência. A personagem percebe que não existe uma essência pronta capaz de definir quem ela é, sendo obrigada a reconstruir-se constantemente diante da experiência vivida. Essa percepção gera medo, angústia e sensação de vazio, sentimentos intensamente explorados ao longo da narrativa.

Em Clarice Lispector, essa angústia existencial aparece associada à desorganização do eu. G.H. inicia a narrativa tentando compreender aquilo que lhe aconteceu após entrar no quarto de Janair. O espaço provoca na protagonista uma ruptura com a realidade que conhecia, levando-a a questionar sua posição no mundo. Ao abrir a porta do quarto, a narradora afirma:

“Abri a porta para o amontoado de jornais e para as escuridões da sujeira e dos guardados. Mas ao abrir a porta meus olhos se franziram em reverberação e desagrado físico. É que em vez da penumbra confusa que esperara, eu esbarrava na visão de um quarto que era um quadrilátero de branca luz” (LISPECTOR, 2020, p. 35).

O choque vivido por G.H. decorre justamente da quebra de suas expectativas. A personagem esperava encontrar um ambiente desorganizado e sujo, mas se depara com um espaço limpo e organizado. Essa descoberta desestabiliza sua visão de mundo e evidencia seus preconceitos de classe.

A crise existencial intensifica-se ainda mais com a presença da barata, símbolo recorrente de degradação, matéria viva e animalidade. O inseto funciona como elemento responsável pela dissolução da identidade social da protagonista. Diante dele, G.H. percebe a precariedade da existência humana e a artificialidade das estruturas sociais que até então sustentavam sua vida.

Segundo Lukács (2009), o herói do romance moderno caracteriza-se justamente por sua condição problemática, estando constantemente em conflito consigo mesmo e com o mundo. Nas palavras do teórico: “O romance é a epopeia de um mundo abandonado por Deus, em que a totalidade extensiva da vida não é mais dada de forma imediata” (Lukács, 2009, p. 89). G.H. representa esse herói moderno ao vivenciar uma experiência que desmonta todas as certezas anteriormente construídas.

A reflexão de Lukács (2009) evidencia que o romance moderno nasce justamente da perda de totalidade do mundo moderno. Diferentemente do herói épico, que possuía objetivos coletivos claramente definidos, o herói do romance moderno encontra-se perdido em uma realidade fragmentada e instável. Em *A Paixão Segundo G.H.*, essa fragmentação manifesta-se na crise identitária da protagonista, que já não consegue reconhecer a si mesma após sua experiência existencial.

A personagem passa então a buscar desesperadamente algum sentido para sua existência, ainda que compreenda a impossibilidade de alcançar respostas definitivas. Esse conflito constante entre busca e ausência de respostas constitui um dos principais elementos do romance clariceano.

Além disso, a narrativa clariceana rompe com a noção tradicional de tempo cronológico. Passado, presente e futuro misturam-se constantemente através do fluxo de consciência da personagem. Essa fragmentação temporal reforça o caráter subjetivo da obra e evidencia o processo de dissolução da identidade vivido pela protagonista G.H.

2.3 Literatura e sociedade: apagamento social e invisibilidade em A paixão segundo G.H.

Embora *A Paixão Segundo G.H.* seja frequentemente analisado apenas sob a perspectiva existencialista, a obra também apresenta importantes reflexões sociais. Clarice Lispector evidencia relações de desigualdade e apagamento social através da relação entre G.H. e Janair, revelando estruturas sociais marcadas pela exclusão e invisibilidade.

Antonio Candido (2006) afirma que a literatura possui íntima relação com a sociedade, funcionando como representação das experiências humanas e das estruturas sociais de determinada época. Para o crítico, a obra literária não pode ser compreendida de forma isolada do contexto social em que é produzida.

O crítico literário afirma que “A literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres e os sentimentos” (Candido, 2006, p. 53). Nesse sentido, a obra clariceana não

se limita aos conflitos subjetivos das personagens, mas também problematiza questões sociais presentes na realidade brasileira.

A reflexão de Candido (2006) permite compreender que literatura e sociedade mantêm relações profundamente interligadas. Mesmo quando Clarice Lispector direciona sua narrativa para os dramas interiores das personagens, aspectos sociais continuam presentes e influenciando diretamente a construção narrativa. Em *A Paixão Segundo G.H.*, as desigualdades sociais aparecem através da relação entre patroa e empregada doméstica, da divisão espacial do apartamento e da invisibilidade atribuída à figura de Janair.

Assim, o romance não pode ser interpretado apenas como uma narrativa existencialista. A obra também denuncia estruturas sociais marcadas pela exclusão, pela marginalização e pelo apagamento de determinados sujeitos sociais. A subjetividade da protagonista é construída dentro dessas relações de poder, revelando que os conflitos internos também possuem origem social.

A própria divisão espacial do apartamento revela simbolicamente a separação entre classes sociais: “No corredor, que finaliza o apartamento, duas portas indistintas na sombra se defrontam: a da saída de serviço e a do quarto de empregada. O *bas-fond* de minha casa” (Lispector, 2020, p. 35). O uso da expressão francesa *bas-fond* evidencia a visão depreciativa da protagonista em relação ao espaço ocupado pela empregada doméstica. O quarto é visto como lugar marginal, associado à sujeira e à desordem.

Outro aspecto importante é a invisibilidade social de Janair. Durante grande parte da narrativa, a empregada aparece apenas através das lembranças e percepções de G.H., sendo construída a partir do olhar da patroa. A protagonista sequer consegue lembrar-se claramente do rosto da funcionária: “Quis lembrar-me de seu rosto, e admirada não consegui [...] a lembrança de sua cara fugia-me” (Lispector, 2020, p. 38).

Essa dificuldade evidencia o apagamento social sofrido pela personagem. Janair é tratada como alguém invisível, cuja existência passa despercebida dentro da estrutura doméstica. No entanto, a empregada rompe parcialmente esse silenciamento através dos desenhos feitos na parede do quarto: “Na parede caiada, contígua à porta [...] estava quase em tamanho natural o contorno a carvão de um homem nu, de uma mulher nua, e de um cão” (Lispector, 2020, p. 37).

Os desenhos funcionam como manifestação simbólica da subjetividade de Janair, representando sua presença dentro de um espaço em que normalmente seria invisibilizada. Ao utilizar a arte como forma de expressão, a personagem rompe temporariamente com a posição subalterna que lhe era imposta. Sobre isso, Adorno (2003) afirma que: “As obras de arte tornam-

se sociais por sua oposição à sociedade, posição que ocupam apenas enquanto autônomas” (Adorno, 2003, p. 296). Nesse sentido, o mural desenhado por Janair pode ser compreendido como forma de resistência silenciosa diante da estrutura social excludente representada no romance.

Embora Janair permaneça quase totalmente silenciada ao longo de toda a narrativa, seus desenhos funcionam como manifestação concreta de sua subjetividade. Através deles, a empregada deixa marcas de sua presença em um espaço onde normalmente seria invisível. O desenho rompe momentaneamente com a lógica de apagamento social imposta à personagem.

A partir da reflexão de Adorno (2003), percebe-se que a arte presente no romance possui função crítica, justamente porque expõe contradições sociais ocultadas pela normalidade cotidiana. O mural desenhado na parede obriga G.H. a confrontar uma realidade que até então ignorava: a existência do outro socialmente marginalizado. Assim, Lispector (2020) demonstra que a subjetividade não pertence apenas à protagonista burguesa. Janair, mesmo silenciada, também possui interioridade, percepção crítica e formas próprias de expressão, ainda que sua voz seja constantemente apagada pela estrutura social dominante.

Além disso, G.H. toma consciência de sua posição privilegiada dentro da estrutura social no momento em que afirma “Não pertencesse eu por dinheiro e por cultura à classe a que pertenço, e teria normalmente tido o emprego de arrumadeira numa grande casa de ricos” (Lispector, 2020, p. 31). Essa fala evidencia o reconhecimento da desigualdade social existente entre patroa e empregada. A personagem percebe que pertence a uma elite econômica marcada pela exclusão e pelo privilégio.

Nesse sentido, Lispector (2020) demonstra que os conflitos existenciais da protagonista não podem ser dissociados das estruturas sociais presentes na narrativa. A subjetividade de G.H. constrói-se em meio a relações de poder, desigualdade e invisibilidade, revelando que os dramas interiores também possuem dimensão social.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como do tipo bibliográfica, de natureza qualitativa e exploratória, tendo como principal objeto de análise o romance *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se na análise de obras, artigos, livros e produções teóricas relacionadas ao tema abordado, possibilitando uma compreensão mais aprofundada acerca da subjetividade, do existencialismo e das questões de cunho social presentes na narrativa clariceana.

Nesse sentido, Lakatos e Marconi (2009, p. 183) afirmam que “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Dessa forma, a análise busca interpretar a obra clariceana a partir de uma perspectiva que articula aspectos existenciais e sociais presentes na construção narrativa.

Além disso, a pesquisa possui caráter qualitativo e exploratório, pois busca compreender significados, subjetividades e interpretações presentes na obra literária. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa utiliza-se do universo das simbologias, significados, crenças, valores e relações humanas, permitindo uma análise mais aprofundada dos fenômenos sociais e subjetivos. Já o caráter exploratório da presente pesquisa possibilita maior aproximação com o objeto estudado, contribuindo para a ampliação das reflexões acerca da crise existencial e do apagamento social presentes no romance.

Para a fundamentação da análise, foram utilizadas contribuições teóricas de autores como Benedito Nunes, responsável por desenvolver estudos sobre introspecção e o existencialismo na obra clariceana; Jean-Paul Sartre, com a sua filosofia existencialista; Anatol Rosenfeld e Erich Auerbach, acerca da subjetividade e da estrutura do romance moderno; Georg Lukács, sobre o herói problemático no romance; além de Antonio Candido e Theodor Adorno, que contribuem para a compreensão da intrínseca relação entre literatura e sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões realizadas no presente trabalho permitiram compreender que *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, ultrapassa os limites de uma narrativa de cunho meramente introspectivo, pois articula subjetividade, existencialismo e crítica social. O romance evidencia a complexidade psicológica do sujeito moderno e a dificuldade de atribuir sentidos fixos à própria existência, fazendo da linguagem um instrumento de reconstrução do eu.

Além disso, verificou-se que os aspectos existencialistas intensificam a crise de identidade da narradora-protagonista G.H. A experiência vivida por ela no quarto de Janair rompe as estruturas simbólicas que sustentavam sua identidade, levando-a a questionar valores, ideais, certezas e até sua própria posição no mundo.

Também foi possível constatar que a narrativa clariceana desenvolve importantes reflexões sociais, sobretudo acerca da invisibilidade e do apagamento de sujeitos historicamente marginalizados. A relação entre a artista plástica G.H. e a empregada doméstica negra Janair evidencia desigualdades de classe e raça e relações de poder marcadas pelo silenciamento

social, ainda que Janair consiga manifestar simbolicamente sua subjetividade através dos desenhos feitos a carvão deixados na parede do quarto.

Por fim, destaca-se que esta pesquisa não esgota as possibilidades de análise da obra, considerando a complexidade da escrita de Clarice Lispector. Dessa forma, novos estudos podem aprofundar discussões sobre linguagem, subjetividade, existencialismo e crítica social presentes em *A Paixão Segundo G.H.*

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003.

AMARAL, N. F; PAZ, R. G. L. F. Janair E Sua Paixão: ecos da condição negra Em *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector. **Revista Alere**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 173–196, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/3534>. Acesso em: 06 maio. 2026.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CANDIDO, A. **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 1992.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

GONÇALVES, M. T. Metafísica e metamorfose n'A paixão segundo G.H. **Revista Letras**, [S. l.], v. 98, 2019. DOI: 10.5380/rel.v98i0.61567. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/61567>. Acesso em: 13 maio. 2026.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, C. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NUNES, B. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1995.



MARRA, F. R. A paixão segundo G.H. – uma forma de tecer o impossível. **Revista Letras**, [S. l.], v. 98, 2019. DOI: 10.5380/rel.v98i0.60025. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/60025>. Acesso em: 13 maio. 2026.

ROSENFELD, A. **Texto/Contexto I**. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SARTRE, J-P. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

SARTRE, J-P. **O que é a subjetividade?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, A. B. da; LIMA, S. A. de O. A paixão segundo G.H.: autor e leitor na alegria difícil da alteridade. **Revista Odisseia**, Natal, v. 5, n. 2, p. 59-80, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343897604_A_paixao_segundo_GH_autor_e_leitor_na_alegria_dificil_da_alteridade/link/69c93184ac38122875648e67/download?tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19. Acesso em: 11 maio 2026.